Os arquivos e a memória negra na cidade do Rio Grande¹

Los archivos y memoria negra en la ciudad de Rio Grande

The archives and the black memory in the city of Rio Grande

**Carla Maria de Oliveira Lopes²
Vanda Leci Bueno Gautério³**

Resumo

O presente estudo se insere nas temáticas que discutem as memórias, a cultura e a história do povo negro, um tema de grande relevância para aqueles que, ainda nos dias atuais, vivem a margem da sociedade devido ao preconceito e a discriminação. A pesquisa se justifica devido à autora ser uma mulher negra, conhecedora dos problemas enfrentados por esta comunidade e devido aos estudos realizados no curso de Arquivologia ter despertado para a relevância de tal investigação e sua divulgação. Então, foi realizado um estudo bibliográfico e o levantamento nos arquivos da cidade com o objetivo de perceber quais acervos arquivísticos são referidos pela comunidade como representativos da memória negra no município do Rio Grande. Com a perspectiva teórica da pesquisa qualitativa descritiva, foi utilizado o método “bola de neve” para, através de uma entrevista estruturada, localizar as pessoas residentes na cidade que poderiam contribuir com a pesquisa, que tem como foco a análise dos arquivos e a memória negra como fonte de resistência na cidade, com visão na função social do arquivo, ou seja, que liga a sociedade as suas histórias. Percebemos que as entrevistadas possuem uma compreensão ampla e dispersa do que significa arquivo, e ainda que os poucos fundos existentes que remetem as memórias negras são de difícil acesso aos cidadãos da periferia, por estarem misturados a outras temáticas. Concluímos assim que os arquivos não se fazem ausentes neste tema, mas que necessita de áreas específicas que custodiem esses acervos para que todos tenham um fácil acesso.

Palavras-Chave: Memória negra; Arquivos; Memória Social; Acervos.

Resumen

El presente estudio se enmarca en los temas que discuten la memoria, la cultura y la historia de los negros, tema de gran relevancia para quienes, aún hoy, viven al margen de la sociedad debido a los prejuicios y la discriminación. La investigación se justifica porque la autora es una mujer negra, conocedora de la problemática que enfrenta esta comunidad y porque los estudios realizados en la carrera de Archivología han despertado sobre la relevancia de dicha investigación y su difusión. Luego, se realizó un estudio bibliográfico y relevamiento de los archivos de la ciudad con el objetivo de comprender qué acervos archivísticos son referidos por la comunidad como representativos de la memoria negra en el municipio de Rio Grande. Con la perspectiva teórica de la investigación cualitativa descriptiva, se utilizó el método “bola de nieve” para, a través de una entrevista estructurada, localizar personas residentes en la ciudad que pudieran contribuir a la investigación, que se centra en el análisis de los archivos y la memoria de la mujer negra como fuente de resistencia en la ciudad, con vistas a la función social del archivo, es decir, conecta a la sociedad con sus historias. Nos dimos cuenta de que los

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Bacharela em Arquivologia; Universidade Federal do Rio Grande; Rio Grande; RS; Brasil; lopescarla065@gmail.com.

³ Doutora em Educação em Ciências; Prefeitura Municipal do Rio Grande; Rio Grande; RS; Brasil. vandaead@gmail.com.

entrevistados tienen una comprensión amplia y dispersa de lo que significa archivo, y aunque los pocos fondos existentes que hacen referencia a las memorias negras son de difícil acceso para los ciudadanos de la periferia, al estar mezclados con otras temáticas. Por tanto, concluimos que los archivos no están ausentes en este tema, sino que se necesitan áreas específicas para almacenar estas colecciones para que todos tengan fácil acceso.

Palabras clave: Memoria negra; Archivos; Memoria Social; Colecciones.

Abstract

The present research is part of the thematic field that discuss black memories, the culture, and the history of the black people, a topic of great relevance for those who, even more nowadays, live on the margins of society due to prejudice and discrimination. The justification for this research resides in the fact that the author is a black woman, knowledgeable of the issues faced by that community, and the fact that the studies developed within the course of Archival Sciences have awakened her to the relevance of such inquiry and its dissemination. Thus, one developed a bibliographic study and archive survey concerning the city's documents aiming to detect which archival files are referred by the community as representatives of the black memory in the city of Rio Grande. Utilizing the theoretical perspective of the descriptive qualitative research, one employed the "snow ball" method to, through a structured interview, locate the city residents that could contribute to the research, that focus on the archive analysis of the documents and the black memory as source of resistance in the city, perceiving the archive's social function, that is, an element that links society and its histories. We noticed that the interviewees have a wide and disperse comprehension about what the archive means, and that the few existing funds that refer to the black memories are barely accessible to the people in the periphery, for being scrambled with other themes. We concluded thus that the archives are not absent in this theme, but one requires specific areas that curate these archives with the goal that they become easily accessible.

Keywords: Black memory. Archive. Social Memory. Collections

1. Introdução

Começamos este texto focando na relevância da preservação e difusão dos acervos, e ainda da história oral, onde o foco principal é trazer a discussão sobre o racismo, tema tão antigo e ao mesmo tempo tão moderno. Segundo Valente (1994) o racismo é uma doença dentro da nossa sociedade, onde se fala numa democracia racial, sendo que na verdade o preconceito, a segregação e a perseguição racial, são crimes recorrentes em nossa sociedade, onde a maior vítima desse racismo é o negro. A discriminação racial está estampada na humilhação diária, na falta de perspectiva e na condenação do negro a condições inferiores de educação, saúde e trabalho. A autora destaca que "as mulheres negras [...], sofrem de tripla discriminação: sexual, social e racial. Portanto, tudo o que se coloca como problemático para a população negra atinge especialmente as mulheres." (VALENTE, 1994).

Acredita-se que os sujeitos agem de forma discriminatória, devido a sua cultura, são ações não refletidas. Parte-se do ponto de vista de que um povo, para manter sua identidade, precisa conhecer sua memória, sua história e como as fronteiras afetam as dinâmicas de poder e a hierarquia entre os grupos raciais. Pollak (1989) nos traz a memória subterrânea, aquela que se opõe à memória oficial, pois esta "prossegue seu trabalho de subversão no silêncio" e "[...] ao forjar uma memória oficial, conduziram as vítimas da história ao silêncio

e à renegação de si mesmas” (POLLAK, 1989, p. 7).

Nesse estudo iremos discorrer sobre a importância do arquivo e seus acervos para que se possa manter viva a memória negra. Através dos acervos preservados e também das entrevistas podemos evidenciar a comunidade negra à importância do seu passado. Os discursos dos sujeitos nos mostram sua história, mas estes nem sempre são legitimados pelas “memórias oficiais”, ou seja, arquivos. Sabemos que são os documentos que direcionam a criação de políticas públicas, e não as narrativas da história “oficial” deste povo.

Sendo Rio Grande, uma cidade histórica e escravagista, locais onde os negros eram destinados e vendidos no mercado público, esta pesquisa teve como objetivo levantar quais acervos documentais são referidos pela comunidade como representativos da memória negra na cidade do Rio Grande, para buscar possíveis respostas para o seguinte questionamento: Qual o espaço que os arquivos ocupam na memória negra da cidade do Rio Grande? Para isso, realizamos o levantamento dos acervos institucionais existentes na cidade que tratem temáticas relacionadas à história, memória e cultura negras; levantamos, por meio de referências de pessoas residentes na cidade, aqueles que mais lhe ocorrem em processos de lembrança e reminiscência.

A motivação da autora para sustentar a presente pesquisa é por esta ser uma mulher negra, conhecedora dos problemas em que seu povo enfrenta ao longo de sua história. Sendo assim, através de uma pesquisa qualitativa descritiva, acreditamos estar contribuindo para a expansão do conhecimento da memória negra, levando a comunidade a refletir e compreender a importância de nossa cultura e das raízes, para sentir-se encorajados a lutar por seus direitos. Com a técnica “bola de neve” buscamos alguns voluntários para participar de uma entrevista e nos utilizamos da pesquisa bibliográfica, para o embasamento.

2. Referencial teórico

Neste referencial teórico discorreremos sobre os conceitos dos autores que embasaram essa pesquisa, colocando assim o leitor a par da teoria e contextualização de nosso estudo. Na próxima sessão falaremos sobre a memória.

2.1. Memória

Neste estudo, nos dispusemos a trazer para a discussão a memória vivida/ouvida como fator importante para a reconstrução da história. No intuito de elencar a relevância da

memória negra na cidade, destacamos Le Goff (1990, p. 423), ao afirmar que memória seria a propriedade de conservar informações que nos remete a um conjunto de funções psíquicas por meio dos quais o homem atualiza impressões passadas, ou representadas como passadas.

Sendo assim, entendemos que a memória não é um “repositório”, mas aquilo que nos possibilita resgatar o vivido, de forma não verídica, pois é apenas aquilo que percebi sobre o fato (passado) e explicado no presente. Para Neves (1998, p. 218) na memória “se cruzam passado, presente e futuro”. Quando nos remetemos a um tempo passado, é inevitável a recordação do espaço frequentado na época, monumentos presenciados, documentos explorados, entre outros. Nora (1993) nos traz que memória é um fenômeno atual, um elo entre o vivido, um eterno presente, mas não podemos esquecer a história é uma reconstrução problemática, pois a emoção que nos move atualmente, não é a mesma do momento vivido. “A memória [...] se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, sensível às transferências, cenas, censuras ou projeções.” (NORA, 1993, p.9)

Segundo Le Goff (1990, p. 23) “a história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros”. Os erros que são cometidos devido às (re)formulações realizadas pelo indivíduo ao (re)pensar o momento vivido em outra situação, movido por outra emoção. Assim, como o pesquisador, que não está isento de uma interpretação do que está vendo e registrando, já que ele vê/observa a partir dos conhecimentos prévios.

Eloisa Belloto (2006) conceitua memória como “um conjunto de informações e ou documentos, orgânicos ou não. A memória é referenciadora, e não recolhedora ou armazenadora. Os documentos existem nos seus lugares sem que se tente reuni-los materialmente” (BELLOTO, 2006, p. 274). Então, basta que a informação esteja capitada, o objeto identificado, localizado e disponível para o pesquisador.

Para Michael Pollack (1992, p. 200-212), “A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos assim dizer que há uma ligação fenomenológica estreita entre a memória e o sentimento de identidade”. A construção social da memória se dá por sermos seres sociais, que vivem em comunidades, sendo assim os fatos são lembrados/(re)constituídos a cada momento devido as influências e concepções de cada indivíduo deste grupo. Visto que nossas referências, socialmente falando, é aquilo que vivemos, lemos, ouvimos no dia a dia, histórias contadas, muitas vezes, por nossos avós e que nos direcionam, rumo as nossas origens e identidade social.

Pollak (1989) nos propõe a reflexão sobre a “memória subterrânea” uma complexa

dinâmica entre a memória oficial e as narrativas muitas vezes silenciadas, especialmente no contexto das comunidades marginalizadas, como o povo negro. A memória oficial, ao tentar consolidar um relato único e dominante da história, frequentemente ignora ou distorce as experiências vividas por esses grupos, levando à formação de uma identidade fragmentada e à alienação das suas próprias narrativas. Assim, as memórias subterrâneas se tornam um espaço de resistência e resiliência, onde as experiências, saberes e vivências dos grupos são preservados e transmitidos, mesmo que à margem da historiografia oficial. E a história oral é uma forma de resgate dessas memórias, mesmo que no presente seja uma reinterpretação do passado, os permite acessar relatos que não estão documentados nas fontes tradicionais. Esse processo não apenas recupera o passado, mas também fortalece a identidade coletiva.

Para Pollak (1989, p. 8): “A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa [...] uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada”. Além disso, a memória subterrânea oferece uma crítica poderosa ao monolitismo da memória oficial, ao afirmar que existem múltiplas verdades e histórias que precisam ser ouvidas e reconhecidas. Essa diversidade de narrativas é fundamental para a construção de uma sociedade inclusiva, onde todas as vozes, especialmente as das minorias, possam ser valorizadas e respeitadas.

2.2. Memória individual e memória coletiva

Focamos aqui, na memória individual que são nossas impressões sobre os fatos, nossas (re) lembranças. Para Horta (2000) as memórias individuais, assim como as memórias coletivas, são na verdade a fonte e a base fundamental para o pleno exercício de nossa vida consciente e de nossa inserção na vida social. As memórias são a fundamentação da consciência, das ações enquanto cidadãos ou o grupo ao qual fazemos parte ou descendemos.

A memória coletiva são registros da nossa vivência em sociedade, traz a história e a identidade de um grupo. O autor Le Goff (1990) prefere reservar a designação de memória coletiva para povos sem escrita, o mesmo aplica o termo de memória social a povos nos quais possuem escritas. Neste sentido, somente os povos com escrita poderiam justificar a história através dos documentos preservados ao longo do tempo.

Muitos povos, até mesmo antes da invenção da escrita, já compartilhavam seus conhecimentos através da oralidade, ensinavam desde a mais simples receita até mesmo a profissão que era transmitida de pai pra filho. Hoje temos os documentos que nos remetem a

fatos e acontecimentos, nos possibilitando a reconstrução da história, mas a memória oral ainda é significativa, em muitas culturas, serve para dar voz aqueles que estão à margem e permite que histórias sejam reconstruídas e que não caiam no esquecimento.

Pollack (1992, p. 201) destaca que a memória individual e coletiva é constituída dos seguintes elementos: “Em primeiro lugar são os acontecimentos vividos pessoalmente, em segundo lugar os acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade a qual a pessoa faz parte.”. Sendo assim, tanto a memória coletiva quanto a memória individual fazem parte da vida do cidadão, são formas de “guardar” as lembranças, seja individual ou coletiva. Para Pollak (1989, p. 6) “[...] existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’. As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”. Estas são importantes para que o grupo mantenha sua história e identidade.

2.3. Memória e história

Ao falarmos em história, logo nossa memória nos remete a disciplina escolar. Disciplina esta que tem como objetivo formar “a memória histórica” dos estudantes da Educação Básica. É importante abordar uma história narrativa, atenta à vida e com detalhes pitorescos. A História é mais bem compreendida quando temos imagens, documentos e outros artefatos que nos remetem às pessoas de outros tempos, um inventário, símbolos dos lugares e fatos. Então, a partir da memória (re) construímos a história.

A memória e história estão longe de serem sinônimos. “A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos, e nesse sentido ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança, do esquecimento inconsciente de suas informações sucessivas” (NORA, 1993, p. 9). “A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. (Ibidem). O autor complementa, se pela memória (re)construímos a história, por sua vez, redefine a identidade .

Para Jacques Le Goff (1990, p. 47), “a memória, onde cresce a história que por sua vez a alimenta, e procura salvar o passado para servir o presente e o futuro.”. A memória e a história, mesmo não sendo sinônimos, andam juntas, pois uma reconstrói aquilo que a outra deixa guardado no esquecimento. Portanto, ambas são relevantes para que as futuras gerações conheçam sua comunidade, seu povo, sua história. “O resgate da memória dos grupos e movimentos sociais é a garantia de uma construção histórica na sua integralidade,

fazendo com que os grupos historicamente marginalizados, saiam das sombras e possam ser de fato protagonistas de suas trajetórias [...].(VAZ, 2019, p.79).

A história necessita da memória para que possa ser contada, sem as nossas memórias não há história. É relevante para a população negra a reconstrução das memórias vividas por nossos antepassados, dessa maneira passamos a nos sentir parte viva dessa história. A história de um povo que saiu das sombras, resistindo à escravidão e lutando com orgulho pela sua identidade, sendo ativos na sociedade em que vivem. Segundo Le Goff (1990), a reconstrução da história ocorre como a memória e se dará através desta, “[...] como propriedade de se conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passada”.(LE GOFF, 1990, p. 423).

Para Pierre Nora (1994) o conhecimento da memória não se encontra apenas nos ditos lugares de memória, tais como museus, arquivos, monumentos e etc, mas se recria e propaga pelos ambientes de memória, sendo através de gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos são meios de criação, passagem, reprodução e preservação dos saberes. “O resgate da memória dos grupos e movimentos sociais é a garantia de uma construção histórica na sua integralidade, fazendo com que os grupos historicamente marginalizados, saiam das sombras e possam ser de fato protagonistas de suas trajetórias [...]”.(VAZ, 2019, p.79). Os arquivos minimizam as disparidades sociais se voltarem suas ações para este fim.

2.4. Patrimônio oral: a linguagem como instrumento de resistência cultural

O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial - PNPI, criado através do Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, é referência para as políticas preservacionistas do patrimônio cultural imaterial no país por preservar a própria cultura. São considerados bens culturais imateriais, de acordo com o decreto, “os rituais e as festas que marcam a vivência coletiva [...], da religiosidade e de outras práticas sociais, as celebrações, as narrativas orais, as danças e as músicas, os conhecimentos e os modos de fazer” (IPHAN, 2006, p. 29).

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO recomenda “a identificação, a salvaguarda, a conservação, a difusão e a proteção da cultura tradicional e popular por meios de registros e inventários” (UNESCO, 1989, p. 15). Assim, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial tem como objetivo implementar políticas públicas com o intuito de instigar propostas e projetos de identificação, de inventário, de

reconhecimento e de registro dos bens culturais de natureza imaterial, a partir da pesquisa fazer a divulgação, buscar a valorização e reconhecimento; e fomento – apoio, financiamento e capacitação (IPHAN, 2006).

“A memória coletiva, [...] tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades. (POLLAK, 1989, p. 7). Assim, a tradição oral “está presente nos espaços de interação da população negra de modo a revigorar o espírito, alimentar a identidade e fortalecer o pertencimento.” (COR DA CULTURA, 2006, p. 56). Então, entendemos as narrativas orais, que costumam ser reproduzidas por várias gerações, de forma que “o passado pode efetivamente explicar o presente e contribuir para reflexões sobre o futuro. Essa dimensão é da máxima relevância para que as coletividades não rompam seus elos”. (Ibidem). Adão (2002) destaca que: “No cotidiano do negro do regime escravista, subjaz, pulsa e sustenta-se uma práxis educativa informal, cujo cerne é a cosmovisão africana”. (ADÃO, 2002, p.73). Uma cultura da vida, concretizada e rememorada na tradição oral, reforçada no culto aos orixás que funda e substitui o axé (força vital). “Os descendentes de africanos na diáspora usaram e usam o patrimônio oral de sua linguagem como instrumento de vida e resistência cultural: para eles a palavra confere poder e energia – axé [...]”.(Ibidem). Portanto, a tradição oral é importante para rememorar as tradições, principalmente as do povo negro, são poucas referências institucionais que nos amparem para a divulgação e manutenção da cultura afro-descendentes. No entanto, o tema em tela surge nos lares e no âmbito escolar, normalmente, para destacar a situação de escravidão.

Segundo Adão e Santos (2019, p. 247) normalmente, “a questão da cultura negro-brasileira e africana, ela não se desvencilha da situação e do posicionamento ideológico entre as suas lideranças políticas e comunitárias.”. Sendo assim, este trabalho, que tem os arquivos institucionais e as narrativas orais como fonte de dados, está de acordo com tais diretrizes, já que o PNPI busca estimular a sociedade para a pesquisa, para a documentação, e produzir registros que resultem em dados, para apontar que inovações as políticas públicas de preservação cultural e de direitos que serão relevantes para o povo negro, e ainda mostrar a relevância das discussões entre os profissionais da educação e avançar, através de seminários e reuniões sobre “a demanda da população negra” (ADÃO; SANTOS, 2019).

2.5. Arquivos como lugares de memória

Compreende-se lugares de memória os documentos, objetos, imagens, prédios, entre outros, que são perpetuados por sujeitos que viveram algo diferenciado para aquele momento. Momentos e/ou sentimentos que podem ser esquecidos, então surgem à necessidade de algo que reviva essa memória, que são os rastros de uma história. Pierre Nora (1993) nos diz que [...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, [...], notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13).

A memória se cria através do registro de eventos realizados durante os quais guardamos a impressão de nossos sentimentos, de nossas ações, sendo assim é necessário que registremos essas memórias para que possamos acessá-las em qualquer momento.

Para Nora (1993, p. 21-22) “Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tomam interessante, mas também complexa simples e ambíguos naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração.” Segundo Nora (1993) são lugares com efeito material, simbólico e funcional simultaneamente, diferenciando-se somente em graus.

O termo usado por Nora para os lugares de memória; se refere a locais materiais, os quais foram criados para custodiar informações únicas, pois não há recursos de memória, se habitássemos ainda nossa memória, logo não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares, porque não haveria memória transportada pela história. Os museus, os arquivos, as bibliotecas; podem guardar em seu interior preciosidades, que nos remetem as origens de um povo, de uma comunidade ou de um cidadão; por isso são chamados por Nora de “lugares de memória”. Lugares de valor para os cidadãos, espaços sagrados que muitos encontram suas origens, sua identidade. Considerando o arquivo como lugar de memória, onde é depositada a incumbência do recordar. A memória escrita nos documentos de arquivo marca a contemporaneidade e a afeta a preservação integral de todo o presente e da mesma forma, a preservação do passado (NORA,1993).

2.5.1 . Compreensão a cerca do conceito de arquivo

Desde o início da humanidade o homem teve que registrar suas atividades, na pedra, na argila, nos papiros, entre outros. Quando os arquivos surgiram há alguns séculos, serviam apenas para guardar os registros que serviam como prova ou testemunho. Com o passar do

tempo às funções do arquivo mudou, devido as diferentes necessidades do momento. Existem arquivos públicos, institucionais, mas também existem arquivos que podem ser caracterizados como privados, pessoais, familiares, de movimentos sociais, religiosos e etc.

De acordo com a Dibrate (ARQUIVO NACIONAL, 2005) explica que o termo arquivo sofreu mudanças com o passar dos tempos; “desde seu surgimento houve uma transformação no conceito do vocabulário arquivo: desde os tempos mais remotos seus registros eram guardados visando a sua acessibilidade pelas gerações futuras.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 27). Também, segundo o dicionário de terminologia arquivística (2005), arquivo é: “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família no desempenho de suas atividades, independente da natureza do suporte.” (Ibidem).

Os arquivos possuem uma ligação com a memória social, pois estes guardam uma grande quantidade de informações que são importantes para a sociedade. Nos dias atuais, os arquivos têm responsabilidades sociais, pois são eles que aproximam as informações que custodiam com a sociedade, ao difundir a informação todos podem usufruir de seus benefícios. Para Belloto (2006, p. 277) “Os arquivos existem com a função precípua de recolher, custodiar, preservar e organizar fundos documentais originados na área governamental, transferindo-lhes informações ao administrador, ao cidadão e ao historiador”. E seu papel social, é “trazer a dimensão popular e cultural com seus serviços editoriais, de difusão cultural e de assistência educativa”. (Ibidem).

Como nos retratam os autores; arquivos são conjuntos de documentos, ou seja, de informações registradas em vários tipos de suporte, que no habitual são escritos em papel, mas nos tempos atuais já existem vários tipos não convencionais como: fotografias, CDs, filmes, sonoros e outros. De acordo com a temática do nosso estudo, se tornam relevantes a esta pesquisa os suportes convencionais ou não, pois nos acervos da comunidade negra, grande parte dos documentos são fotografias de família, certificados, diplomas, vídeos e etc.

Assim, a sociedade em geral terá acesso à história que, normalmente, fica com difícil acesso, dando voz as versões trabalhadas nos livros didáticos. Para maior compreensão do leitor buscamos alguns conceitos de documentos. Para Belloto (2006); são documentos que guardam as relações orgânica entre si, “Tratam sobre tudo de provar, testemunhar alguma coisa. Sua apresentação pode ser manuscrita, impressa, ou audiovisual: são em geral exemplares únicos e sua gama é variadíssima assim como sua forma e suporte”. (BELLOTO,

2006, p. 37). Para Dibrate (2005), “documento é uma unicidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte ou formato.” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p.73). Então, os registros como as fotos que demarcam momentos vividos, certidões - de nascimento, casamento, óbito, entre outros -, recibos de pagamento do consumo de água ou luz, vídeos e áudios de fatos, ou seja, aquele documento que registra uma atividade podemos chamar de “documento”, independente do formato em que está registrado. Então, os arquivos tem a função de custodiar e preservar os acervos, que além de ser fundamental para a preservação da memória, da história e na construção de uma identidade coletiva e suas fronteiras

3. Metodologia

Uma pesquisa voltada à memória negra, que busca compreender as ações sociais individuais e grupais, como se deram os fatos através de dados representativos, incluindo os arquivos e documentos, compreendemos que deve ser de natureza qualitativa. De acordo com Minayo (1994) a pesquisa qualitativa [...] se preocupa nas ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, [...],(MINAYO, 1994, p. 21-22), situações que não podem serem reduzidos a operacionalização de variáveis.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é caracterizada como descritiva, pois se propõe levantar quais os acervos documentais são referidos pela comunidade como representativos pela memória negra, na cidade do Rio Grande. Segundo Silva e Menezes (2000) “[...] a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”. (SILVA; MENEZES, 2000, p. 21)

Nossa pesquisa esteve em construção/elaboração do mês de setembro a dezembro de 2022. Desde o primeiro momento estivemos envolvidas na leitura e escrita do embasamento teórico. Foram dois procedimentos técnicos, o primeiro - realizado no mês de setembro de 2022 -, é a pesquisa documental com o levantamento dos acervos que remetem a memória negra no arquivo público. Foi solicitado um guia de fundos no Arquivo Municipal ou os instrumentos de pesquisa que eles possuem e analisados quantos tratavam, especialmente, do tema da cultura e memória negra. Também visitamos a Biblioteca Rio Grandense para termos acesso ao guia e analisarmos os acervos que tratam do tema, custodiados naquela instituição.

O segundo procedimento, em novembro de 2022, é o levantamento da percepção dos indivíduos que foi realizado através de entrevista – de outubro a dezembro do corrente ano -,

sendo que o levantamento de dados foi pelo método de amostragem chamado “bola de neve”. O universo da pesquisa em tela foram os acervos que remetem a memória negra, tanto nas instituições arquivística quanto os acervos indicados pelos indivíduos da comunidade. Segundo Vinuto (2014) o método “bola de neve” é um tipo de amostragem não probabilística por não ser possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante, por isso se utiliza cadeias de referências, um indivíduo indica outro para a pesquisa, e assim sucessivamente. Para Dewes (2013, p.10) “O método de amostragem em bola de neve pressupõe que há uma ligação entre os membros da população dado pela característica de interesse, isto é, os membros da população são capazes de identificar outros “.

Para o levantamento dos dados para a presente pesquisa foi criado um questionário estruturado, com perguntas abertas, cuja aplicação foi realizada através de áudios. Criamos um grupo no *WattsApp*, onde foi adicionada a primeira entrevistada (entrevistada 1), que de acordo com o método “Bola de Neve” é chamada de “sementinha”. A escolha se deu por esta ser ativa na União de Negras e Negros pela Igualdade - UNEGRO. Segundo Vinuto (2014) “esta técnica é um método de amostragem de rede útil para se estudar populações difíceis de serem acessadas ou estudadas”, neste caso foi importante devido à rede se dar entre mulheres que estão ativas na discussão sobre a memória negra.

Na sequência, um questionário foi anexado ao grupo para que a sementinha nos respondesse. Após a conclusão da tarefa, ela nos indicou a entrevistada de número dois, e assim sucessivamente. A inserção no grupo era após as pessoas indicadas mostrarem-se interessadas em participar e sendo garantido o sigilo a cerca de suas identidades.

Para dar continuidade no trabalho, em novembro e dezembro de 2022, foi realizada uma análise dos discursos das entrevistadas decorrentes das vivências nas comunidades negras e espaços nos quais o racismo é dominante, e ainda atuam nas escolas com o objetivo de elencar as discussões sobre o tema em tela. E ainda, a verificação dos acervos nos quais constam a história do povo negro e registros de espaços culturais relacionados ao tema.

4. Resultados e discussões

O primeiro objetivo específico da nossa pesquisa, que foi realizar levantamento dos acervos institucionais existentes na cidade do Rio Grande, que trate de temáticas relacionadas á história, a memória e a cultura negra. Para isso visitamos a Biblioteca Rio Grandense. Ao chegar verificamos que, além dos livros, apresentam outros acervos como,

por exemplo, os jornais, que encontramos na hemeroteca (conjunto de jornais) que se encontram organizados em salas, de acordo com a data e a cidade. Na hemeroteca citada foi verificada a presença de exemplares de jornais antigos do Rio Grande. Era necessário folhá-los, um a um, com o intuito de localizar os que possuem referência ao tema de nossa pesquisa. Porém, não foi possível analisá-los, devido ao pouco tempo disponível.

Buscamos no Arquivo Municipal da cidade que, devido os acervos custodiados ainda estarem sendo organizados, não possui nenhum instrumento de pesquisa para que pudessemos identificar os acervos que remetem ao nosso tema. Para que pudessemos dar continuidade a pesquisa e chegar ao nosso primeiro objetivo específico, partimos de um instrumento de pesquisa já existente, que é um guia publicado em 2013, onde estão todos os acervos da cidade do Rio Grande. A partir destes arquivos, fizemos a análise para chegar naqueles acervos que se relacionam ao tema de nosso trabalho.

Analizando o Guia de Acervos Documentais da Cidade do Rio Grande, podemos constatar que não existe, nas instituições pesquisadas, uma área específica para salvaguardar documentos referentes a história dos negros. Os acervos existentes estão agregados a outros tantos, dos mais variados temas. Na Biblioteca Rio-Grandense ocorre à mesma problemática, mas lá se encontram vários livros de autores negros da Cidade, mas como já citamos acima não há setores específicos para esse tema.

Em relação ao segundo objetivo específico, nossa pesquisa foi respondida por sete mulheres, todas negras, numa faixa etária que varia de trinta aos setenta anos, mães, ativas no mercado de trabalho e conhecedoras do universo da negritude, algumas são professoras, outras arquivistas, enfermeiras, escritoras, mas todas com formação acadêmica e que tiveram que “quebrar as correntes” do preconceito e conquistar seu lugar na sociedade. Mulheres que hoje são importantes junto aos movimentos de resistência, às escolas e que seguem lutando por aqueles da mesma raça que ficaram esquecidos e marginalizados na periferia, dando voz a seus irmãos de cor.

O primeiro dado interessante foi que todas as nossas entrevistadas indicaram outras mulheres para a continuação da nossa pesquisa. A mulher sempre esteve à frente das lutas sociais em todos os momentos da história, pois o simples fato de ser mulher e negra, a trajetória já passa a ser dificultosa, pela luta dos seus direitos nos espaços sociais, buscando a superação das desigualdades seja racial ou de gênero, ou ambas. (VALENTE, 1994).

Durante a construção do nosso projeto recebemos o convite para participar de uma

reunião, momento que nos possibilitaria conhecer as atividades do movimento negro, no município do Rio Grande. Espaço que conhecemos nossa primeira entrevistada, ficamos encantadas com sua fala e dedicação ao movimento, ali mesmo o fizemos um convite a participar de nossa pesquisa, que foi aceito. Seguindo a técnica de pesquisa citada acima, ao encerrar as entrevistas, fizemos o levantamento dos dados.

A seguir, apresentamos as perguntas do questionário e as respectivas respostas das entrevistadas. Nossa primeira pergunta foi: O que você entende por memória negra? E a segunda foi: Você conhece algum arquivo? Já esteve em algum?. Ao analisar as respostas, podemos perceber que quando questionadas sobre memória negra, a entrevistada 01 destaca que o que nos remete a cultura da população negra, as manifestações culturais e artísticas, assim como a história da população negra no Brasil e no mundo, são as nossas memórias familiares. A entrevistada 02 complementa ao nos colocar que as memórias que têm são as coisas que, geralmente, são contadas por pessoas mais antigas.

De acordo com Nora (1993) os lugares de memória são criações, não é espontâneo ou natural, e sim algo movido pelas emoções, por isso é importante criar momentos que demarquem fazer registros em documentos, imagens e até mesmo artefatos artísticos, para que possamos acessar em qualquer momento, como por exemplo, ao contar um momento vivido. Então, a entrevistada 2 nos remete a tradição oral (A COR DA CULTURA, 2006), pois as questões africanas transcendem a materialidade e o estado das coisas, a cultura africana é uma catalisadora da identidade cultural da população negra brasileira. Não temos como separar o espiritual e o material na tradição oral.

No entanto, conforme a entrevistada 4 a tradição oral, ou seja, o conhecimento de vida é repassado as gerações de acordo com os interesses de certos grupos, e ainda destaca que “para os nossos algozes, não é interessante para eles que isso seja lembrado”, então os algozes pela escravidão tinham o interesse de deixar no esquecimento alguns fatos que não lhes são favoráveis a divulgação, de certa forma, “desmotivando” os diálogos sobre.

A entrevistada 3 destacou que não tinha nenhum conhecimento a respeito do tema, além dos saberes aprendido na escola, e ainda que após a idade adulta que percebeu que existiam revelações importantes. No entanto, as histórias ouvidas na escola não contemplavam os fatos que se deparou nos estudos atuais. Esse é o reflexo da nossa sociedade nos dias, pois a maioria dos negros apenas conhece o que lhes foi revelado no âmbito escolar. E ainda complementa: “na infância, na adolescência nunca teve nada

referente que não fosse a escravidão [...] (Entrevistada 3). Fato que nos afirma que quando nos remetemos ao povo negro, o que vêm na mente, normalmente, é os fatos de estes terem sido escravizados. Os motivos desta situação e as implicações não é percebido. A família e a escola são as instituições que mais perpetuam a “ideologia do banqueamento” e a discriminação disfarçada (ADÃO, 2002).

A entrevistada 6, compara a memória negra com relíquias, para resgatar a história e cultura de seu povo. No entanto, estas não são contempladas nos planos de aula dos professores, seja da educação pública ou privada, como destaca a entrevistada 3. A educação não é isenta de ideologia ou apolítica (ADÃO; SANTOS, 2019). O educador deve, em suas aulas e atividades escolares, contemplar a demanda da população negra (Ibidem), buscando o estudo da história do negro brasileiro de forma a destacar seus valores e contribuições para a sociedade.

Então, percebe-se que as entrevistadas referem-se à cultura do povo negro, suas raízes, suas vivências e as histórias contadas pelos mais velhos, as manifestações culturais, religiosas, são retratos de um povo sofrido devido à escravidão e que ficou esquecido vivendo as margens da sociedade. O que nos remete a relevância da história oral para a reconstrução da história do povo negro (A COR DA CULTURA, 2006)

Poucas das entrevistadas tiveram acesso aos arquivos e desconhecem seus conceitos e suas funcionalidades, desconhecendo assim sua relevância para preservação da memória negra. Foram citados alguns arquivos, mas o que mais se destacou foi a Biblioteca Rio-Grandense, a qual quando estivemos visitando em prol da nossa pesquisa, conhecemos um senhor que faz parte da Academia de Letras que nos confessou sua estranheza devido ao fato de os indivíduos não buscarem saber de suas origens e sobre a história da escravidão. Apenas estudantes procuravam esses acervos para a realização de trabalhos escolares.

Retornando a nossa pesquisa, os arquivos os quais são citados nas respostas são os arquivos de família, os arquivos privados e os conjuntos acumulados na casa de matriz africana, onde foram criadas e os documentos guardados nas sedes dos movimentos negros.

Nossa terceira pergunta foi: Você conhece alguma instituição arquivística que custodia acervos de memória negra? Analizando a terceira pergunta de questionário, constatamos que a maioria das entrevistadas, não tem conhecimento de arquivos, e as que conhecem citam novamente a Biblioteca Rio-Grandense e nos relatam saber da existência de alguns arquivos privados que guardam as memórias negras, como a Fundação Palmares, e

ainda deixam um desabafo: não temos em Rio Grande um espaço físico específico que custodie os acervos da memória negra.

Podemos perceber que nossas entrevistadas não tem a concepção do que é um arquivo institucional e nem da importância deles para a preservação da memória, neste caso, a cultura e a história do povo negro. Esta talvez seja uma política pública que o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI deva subsidiar, pesquisas sobre o tema, seja no espaço universitário ou no âmbito escolar, sendo que estes tenham como contrapartida a divulgação, de forma que as comunidades mais carentes tenham acesso. Por exemplo, seminários e oficinas na educação formal e não-formal, nas festas e celebrações, etc.

Nossa quarta pergunta foi: Você conhece algum acervo particular que seja de relevância para a comunidade negra em Rio Grande? Ao abordarmos a questão do desconhecimento da existência de algum acervo que nos remeta a memória negra na cidade, apenas confirmou nossa hipótese ao nos interessarmos por esse tema. As entrevistadas 2, 5 e 6 desconhecem acervos particulares de relevância a comunidade negra. A entrevistada 3 também não conhece, mas sugere que devia ter um arquivo da religião africana. A entrevistada 7 responde que conhece e destaca as obras do artista plástico rio-grandino João Eli - Membro do Conselho Municipal de Desenvolvimento Social e Cultural da Comunidade Negra (COMDESCCON).- . No entanto, tal acervo ainda está aguardando uma instituição se proponha a custodiá-lo.

Porém, a entrevistada 1, nos fala que possui um acervo com MPK - é uma extensão de arquivo que nos possibilita uma ferramenta para visualizar, editar, criar e analisar dados geoespaciais -, registros, fotos, recortes de jornal com alguns certificados, é um arquivo simples que está relacionado a sua participação ao movimento negro. É um material que os integrantes da UNEGRO guardam como herança cultural, da luta do movimento negro do Rio Grande. Ação que nos remete a preocupação do guardar os documentos para que sirvam de testemunho das ações praticadas pelo movimento.

A entrevistada 4 nos chama a atenção para a questão da invisibilidade do povo negro, pois destaca que tais indivíduos não são percebidos, quando se referem a suas habilidades são avaliados como incapazes. Segundo a entrevistada, é importante que este grupo tenha conhecimentos sobre as histórias de negros que mudaram esta realidade. Então, somente resgatando a memória de um grupo, principalmente dos que vivem a margem da sociedade, que podemos garantir a (re)construção histórica na sua integralidade. (VAZ, 2019).

Nossa quinta pergunta foi: Terias alguma sugestão para que o arquivo e seus acervos cheguem até a periferia? Qual a importância da divulgação da memória negra pra você? Começo a análise da nossa última pergunta, destacando a fala de nossa sementinha (entrevistada 1), a qual compara a periferia com arquivos, neste caso, arquivos vivos, pois segundo a entrevistada tais sujeitos que residem na periferia traduzem o que é a cultura e o povo negro. A entrevistada 3, acredita ser relevante a divulgação dos arquivos e acervos da memória negra por acreditar que assim as pessoas se motivam a conhecer sua história, sentir-se pertencente a esta, se incluindo na sociedade, passando a ser “visível”.

O argumento da sementinha é comum com as demais entrevistadas quando se refere à importância de divulgar estudos referentes aos acervos custodiados nos arquivos, assim passamos a disseminar os conhecimentos sobre as memórias que remetem a cultura e a história do povo negro. Como diz a sementinha; a falta de conhecimento torna as pessoas vulneráveis, o que resulta em fatos que envolvem humilhações e desrespeitos.

É importante, segundo as entrevistadas 6 e 7, levarmos os sujeitos que residem em bairros de periferia para visitar os arquivos e explorar os acervos de forma que eles se identifiquem. E ainda, potencializar o intercâmbio entre arquivos e escolas, pois segundo Adão (2002) a escola é um espaço que se propõe a formação do cidadão, logo somente com a educação é que conseguiremos mudar essa realidade.

Segundo a sementinha a desvalorização do negro deve ser em função de não conhecer a memória deste povo e sua história, porque ainda estamos atrelados ao processo de escravidão. Adão (2002) também nos alerta que a escola – com seus livros didáticos -, juntamente com as famílias, são as instituições que reforçam o racismo. Para a entrevistada 4, o racismo nada mais é que a falta de conhecimento.

A entrevistada 2, sugere trazer a público a existência dos quilombos e as lutas das famílias quilombolas da nossa cidade, pois foi em Rio Grande que foram vendidos e escravizados e neste mesmo local venceram o preconceito, a escravidão e juntaram forças para juntos superarem a opressão e viverem em liberdade. Como nossa entrevistada 2, criada num quilombo nesta cidade, e assim seguindo o conceito de Nora (1993) os quilombos podem e devem ser considerados como “lugares de memória.”

5. Considerações finais

Finalizando nossa pesquisa, voltamos ao questionamento: Qual o espaço que os

arquivos ocupam na memória negra na cidade do Rio Grande? Foi constatado que nos arquivos institucionais existem alguns documentos, os quais retratam situações sobre o povo negro. Documentos estes que estão agregados a outros conjuntos de documentos, os quais abordam diversos temas, o que gerou a dificuldade em acessar os que tinham relação com o tema proposto. Para a surpresa da pesquisadora, foi verificado que na cidade do Rio grande não existem arquivos específicos, que nos remetam as memórias negra e sua cultura.

Para o nosso segundo objetivo, nos propomos a realizar uma entrevista com mulheres negras e atuantes na cidade, averiguar os acervos por meio de suas referências, de acordo com cada realidade. Concluimos que essas mulheres, apesar de suas vivências, desconhecem os arquivos institucionais e seus acervos, mas percebem a importância deles para a sociedade. Consequentemente, percebemos que a maioria dos cidadãos só tem acesso a esta área de conhecimento quando frequenta o ensino superior, mas não em todos os cursos.

Precisamos de novos espaços, da colaboração dos arquivistas atuantes na cidade, para apartar os documentos inerentes ao tema, que estão sob sua custódia e repassar aos responsáveis para arquivá-los em um espaço específico. Percebemos que em pleno século XXI ainda vivemos na era do esquecimento, de forma que se faz necessário o uso das políticas públicas existentes, e ainda que voltemos o olhar para a funcionalidade dos arquivos que remetam as memórias e que estas se façam conhecidas pela sociedade.

No decorrer de nosso estudo, fomos verificando que os poucos acervos que remetem as memórias negras são de difícil acesso aos cidadãos, por estarem misturados a outras temáticas. Portanto, conclui-se que os arquivos não se fazem ausentes neste tema, mas não são arquivados de forma a facilitar o acesso dos sujeitos, a percebê-los no todo, como se estes não tivessem relevância nos dias atuais.

Referências

A COR DA CULTURA. **Saberes e fazeres**. V. 1. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

ADÃO, J. M. **O negro e a educação: movimento e política no estado do Rio Grande do Sul (1987-2001)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 203p. 2002.

ADÃO, J. M.; SANTOS, F. A. Educação escolar, tradição e oralidade Negro-Brasileira. **Educação, ciência e cultura**. v. 24, n. 3, 2019. p. 243-252.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i3.5370>. Disponível em <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5370>

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2005.

BELLOTO, H. L. **Arquivos Permanentes: tratamento documental**. 4, ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRASIL. Decreto n. 3.551, de agosto de 2000. Institui o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **República Federativa do Brasil**, Brasília, 2000. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Decreto%20n%C2%BA%203_551%20de%2004%20de%20agosto%20de%202000.pdf. Acesso em 23 dez 2022.

DEWES, J. O. (2013). Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos. (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.) acessado em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/93246/000915046.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 23 dez 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.] –Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

HORTA, M. de L. P. **Fundamentos da Educação Patrimonial**. Ciências & Letras, Porto Alegre, nº 27, p. 25-35, jan- jun. 2000. <http://dx.doi.org/10.18316/recc.v24i3.5370>. Acesso em 25 nov 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **RESOLUÇÃO nº 001, de 03 de agosto de 2006**. Publicada no DO de 23 de março de 2007. Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Resolucao_001_de_3_de_agosto_de_2006.pdf Acesso em out 2022.

MINAYO, M. C. de S., (org), DESLANDES, S. F., NETO, O. C. GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**: ed:Vozes, Petrópolis. RJ. 1994

NEVES, M. de S.. História e Memória: os jogos da memória. In: MATTOS, I. R. (org.). **Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.

NORA, P.. Entre memória e historia: a problemática dos lugares. **ProjetoHistoria**. São Paulo, nº 10, p.9-28, dez. 1993.

ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

POLLAK, M.. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, nº 10, p.200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis, UFSC/ LED, 2000, 180 p.

UNESCO. **Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular, adotada pela 25ª Reunião da Conferência Geral**. Paris, 15 de Novembro de 1989.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Convencao_Salvaguarda_2003.pdf Acesso em out 2022.

VALENTE, A. **Ser negro no Brasil hoje**. 11 ed. São Paulo: Moderna. 1994

VAZ, G. A. Histórias paralelas, histórias fragmentadas. **Folha de Rosto**, v. 5, n. Especial, p. 71-80, 9 jan. 2020. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146581> Acesso em 12 nov 2022.

VINUTO, J. **A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto**. Temáticas, (UNICAMP) v.22, nº44, p.201-218. Campinas. 2014